

O ENSINO DESTINADO À INFÂNCIA NA PRIMEIRA ESCOLA DE VILHENA/RO: REFLEXÕES SOBRE A CULTURA ESCOLAR

CHILDHOOD EDUCATION IN THE FIRST SCHOOL IN VILHENA (RONDONIA): REFLECTIONS ON SCHOOL CULTURE

LA ENSEÑANZA DESTINADA A LA INFANCIA EN LA PRIMERA ESCUELA DE VILHENA-RO: REFLEXIONES SOBRE LA CULTURA ESCOLAR

Josiane Brolo¹

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Vera Lúcia Aquino Boing Santos²

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Jaqueline Souza Silva³

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Resumo

Este estudo objetiva tecer algumas reflexões sobre o início do processo da institucionalização da educação destinada à infância na primeira escola da cidade de Vilhena/RO, durante as décadas de 1960 a 1980, com ênfase na produção da cultura escolar no interior da escola. A metodologia da pesquisa está ancorada nos pressupostos teóricos da Nova História Cultural (NHC) e como instrumentos de pesquisa utilizou-se das fontes documentais de arquivos públicos, fotografias publicadas em acervos públicos digitais e testemunhos orais. Como resultados é possível inferir que na instituição pesquisada o ensino destinado às crianças se limitava à escrita e à leitura e que a escola inculcava normas, princípios e valores nos alunos, a fim de discipliná-los, de forma a ajustá-los ao mundo do trabalho e a adequá-los ao modelo de sociedade que se pretendia construir – visando a ordem e o progresso nacional em consonância com o regime militar da época.

Palavras-chave: Educação; Infância; Cultura escolar.

Abstract

This study aims to make some reflections on the beginning of the process of institutionalization of childhood education in

¹Doutora em Educação (2019) e Mestre em Educação (2012) pela Universidade Federal de Mato Grosso- PPGE/UFMT/Cuiabá. Professora Adjunta II da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar - Mestrado e Doutorado Profissional - PPGEEProf/UNIR. Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: josiane.brolo@unir.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6344210905157485>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3294-3823>.

²Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: vera-sanboing@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8628912819348135>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3464-4026>.

³ Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, Rondônia, Brasil. E-mail: sjacksilva@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3000078657115706>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6517-325X>.

the first school in the city of Vilhena (Rondonia), from the 1960s to 1980s, with emphasis on the production of school culture within the school. The research methodology is anchored in the theoretical assumptions of the New Cultural History (NHC) and as research instruments, documentary sources from public archives, photographs published in digital public collections and oral testimonies were used. As a result, it is possible to infer that in the Institution researched, teaching destined to the children was limited to writing and reading and that the school inculcated norms, principles and values in the pupils, in order to discipline them, so as to adjust them to the world of work and to adapt them to the model of society that was intended to be built – aiming at order and national progress in line with the military regime of the time.

Keywords: Education; Childhood; School culture.

Resumen

Este estudio tiene por objeto tejer algunas reflexiones sobre el inicio del proceso de la institucionalización de la educación destinada a la infancia en la primera escuela de la ciudad de Vilhena- RO, durante las décadas de 1960 a 1980, con énfasis en la producción de la cultura escolar en el interior de la escuela. La metodología de la investigación está fundamentada en los presupuestos teóricos de la Nueva Historia Cultural (NHC) y como los instrumentos de investigación se utilizaron fuentes documentales de archivos públicos, fotografías publicadas en acervos públicos digitales y testigos orales. Como resultados es posible deducir que en la Institución investigada la enseñanza destinada a los niños se limitaba a la escritura y a la lectura y que la escuela inculcaba normas, principios y valores a los alumnos, con el fin de disciplinarlos, de forma que se ajusten al mundo del trabajo y a adecuarlos al modelo de sociedad que se pretendía construir – aspirando el orden y el progreso nacional en consonancia con el régimen militar de esa época.

Palabras clave: Educación; Infancia; Cultura escolar.

INTRODUÇÃO

No início do século XX, dois grandes momentos marcaram a história do município de Vilhena/RO: o primeiro foi a construção das linhas telegráficas estendidas pela Comissão Rondon no início do século, o segundo foi a ocupação efetiva e as mudanças sociais ocasionadas pela construção da Rodovia BR 029, atual BR 364, que influenciou centenas de migrantes a ocupar o município em busca de um futuro melhor para suas famílias.

Nesse segundo movimento, quando buscamos entender o processo migratório para o Norte do país, é possível perceber as estratégias do Estado para a exploração econômica de terras amazônicas e ao mesmo tempo para a defesa de fronteiras, ou seja, trata-se de um processo migratório estimulado pelo governo militar da época para a ocupação dos espaços tidos como “vazios”⁴, com o interesse maior de agregar tais espaços à economia nacional e para proteger a fronteira agrícola de outros países.

De acordo com Martins (2017), Rondônia ficou conhecida no período intenso de colonização como “O Novo Eldorado”, surgiu de valiosíssimos planos econômicos governamentais para resolver conflitos em outras regiões do país e para “ajudar” no desenvolvimento brasileiro, uma vez que o país vivia grande expansão industrial. Nesse

⁴ Os espaços amazônicos já eram habitados pelos povos indígenas de diversas etnias, ribeirinhos e seringueiros.



cenário, faziam-se traços de que “O Novo Eldorado” teria que percorrer a “era” do desenvolvimento rápido e lucrativo.

As ações conduzidas por militares promoveram políticas públicas que influenciaram o processo de colonização, o qual trouxe consigo diversos tipos de conflitos, tirando dos tradicionais seringueiros e indígenas suas terras e dando início à um tortuoso esquema de violência social e ambiental. Os *slogans* utilizados pelos militares, “Brasil, ame-o ou deixe-o”; “Amazônia: integrar para não entregar”, alinharam-se à propaganda de “Rondônia, o novo Eldorado” (GOMES, 2012, p.179).

No dia 22 de dezembro de 1981 foi aprovada a Lei n. 41, tornando Rondônia um estado federativo, pois até então era considerado Território Federal do Guaporé, que posteriormente, em 17 de fevereiro de 1956, com a Lei n. 2.731, muda o nome para Território Federal de Rondônia, uma homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, responsável pela construção das linhas telegráficas (MARTINS, 2017).

Durante o movimento acentuado de migração entre as décadas de 1960 e 1980, são perceptíveis as negligências do Estado em relação às estruturas mínimas que garantissem a sobrevivência na região em estudo: saúde, infraestrutura de estradas, moradias, alimentação e educação eram prometidas, mas no cotidiano real, a situação era bem diferente. Contudo, sabemos que os espaços mais afastados dos grandes centros urbanos em desenvolvimento no Brasil enfrentaram muitas problemáticas em relação a processos educacionais entre as décadas de 1960 e 1990 (CAMBI, 1999). A exemplo disso, as cidades da região colonizadas no século XX se constituíram sem qualquer planejamento material, físico ou pedagógico (MARTINS, 2017).

Na educação, por exemplo, foram muitas as dificuldades, necessidades e obstáculos enfrentados, como a falta de escolas para as crianças migrantes, a falta de professores qualificados, a falta de estrutura física e material, entre outras.

Como forma de assegurar que as famílias permanecessem na cidade em construção, as autoridades da época organizaram logo a implantação de uma escola junto da comunidade com o objetivo de fixação dos migrantes que chegavam, pois não era vantajoso para os organizadores do processo de colonização que o povo retornasse para seus lugares de origem.

A primeira escola em Vilhena foi inaugurada com o Decreto 353, de 10/08/1960, com a denominação de Escola Isolada Wilson Coutinho. No entanto, a escola só iniciou suas atividades em setembro de 1962. Estudos de Martins (2017) apontam que anteriormente à documentação oficial, a educação já era oferecida na modalidade de escola rural, porém,



os documentos oficiais apontam para o início somente em 1960 e o consequente reconhecimento em 1962.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é direcionar um olhar mais minucioso para a história da educação institucionalizada, com ênfase na produção da cultura escolar no interior da primeira escola de Vilhena. Por cultura escolar, entendemos com Julia (2001), um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos.

Para Julia (2001), a cultura escolar é carregada de normas que vão se constituindo na prática e, conseqüentemente, constituem os sujeitos escolarizados. Vidal (2005) chama a atenção para a discussão de Julia que, sensibilizado, convida os historiadores da educação a se interrogarem sobre as práticas cotidianas, sobre o funcionamento interno da escola, usando a metáfora do abrir a caixa-preta da escola, na recusa de estudos ou pesquisas que privilegiem somente os documentos oficiais de instituições educativas (MARTINS, 2017).

Com o interesse pelo cotidiano, pela história emergida de baixo, atravessada pela historicidade, concebemos os aspectos culturais a partir de Certeau (1998), que afirma que a cultura é tudo aquilo que foge do óbvio, do levemente inflamado. Ela compõe o cotidiano, ou seja, a produção dos campos naturais. E tais campos podem ser transformados, pois os elementos vão se agregando à construção de uma figura, objeto ou modo com que vai se constituindo, enquanto “[...] produção social em objetos da história” (CERTEAU, 1998, p. 69). As transformações no campo da cultura e a problematização rompem com as fronteiras, deslocando-a e ressignificando-a, podendo, assim, aproximar-se das transformações internas da cultura, descortinando o olhar para a concretude dos modos de organização e produção do cotidiano.

Ainda, faz-se necessário pontuar que esta pesquisa é uma versão da história, uma reflexão dada de um passado que não se modifica (BLOCH, 2019), sendo assim, o passado, por apresentar muitas possibilidades de leitura, precisa ser pesquisado, analisado e discutido a partir das fontes.



METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de gênero historiográfico que buscou aporte teórico-metodológico na Nova História Cultural (NHC). A pesquisa se deu em três principais etapas.

A primeira etapa da pesquisa constituiu-se no levantamento bibliográfico para compreender o processo de migração e colonização, como também o processo de institucionalização da educação destinada às crianças que participaram do processo de formação da cidade de Vilhena/RO, em especial nos anos de 1960 a 1980.

O segundo passo foi o levantamento de fontes documentais em arquivos públicos a fim de colher os registros necessários para compreender a institucionalização da primeira escola do *locus* investigado.

O terceiro momento deu-se na organização de relatos orais das entrevistas de migrantes que vivenciaram o cotidiano da educação na escola pesquisada, a fim de entender como era o recreio, as relações, as práticas de escolarização da infância em estudo. Aqui cabe o destaque do cuidado que tivemos com o trabalho da História Oral enquanto fonte de pesquisa, pois a partir dos documentos orais históricos que “percebemos a riqueza e a importância da memória dos sujeitos. E como o jeito do entrevistado contar ‘estórias’ sobre o passado é uma alternativa perfeita para a história [...]” (THOMPSON, 1998, p.15).

Ainda, testemunhos históricos disponibilizados nos estudos de Martins (2017) forneceram possibilidades de compreendermos o processo de institucionalização da educação oferecida às crianças em tal recorte temporal e espacial investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o Decreto n. 353 de agosto de 1960 foi instituída a criação da primeira escola de Vilhena, denominada Escola Isolada Wilson Camargo, com reconhecimento no artigo n. 2 do Decreto Estadual n. 946 de 08 de março de 1989. Essa primeira escola foi gestada com o movimento da população em consonância com o território federal de Rondônia, que visava, como já mencionado, a partir da implantação da escola, a permanência dos migrantes na região (MARTINS, 2017).

Em análise da instrução da primeira escola é possível compreender que o ensino foi instituído com a Portaria sob o nº 0096/ SEC de 04 de junho de 1974 e a escola buscava atender os filhos dos migrantes, dos povos indígenas da região e ribeirinhos (MARTINS,



2017).

De acordo com os dados construídos na pesquisa, a educação primária oferecida em Vilhena esbarrou em diversas dificuldades, uma delas foi a falta de professores qualificados para assumir a função de docente, com isso, naquele momento inicial, bastava saber ler e escrever para assumir a função de ser professor. Outro obstáculo inicial era a falta de materiais pedagógicos e metodologias de trabalho, de forma que as professoras criavam os próprios métodos de acordo com as dificuldades encontradas no interior da escola (MARTINS, 2017).

No início, a escola funcionava em uma casinha de madeira, assumida pela primeira vez pela professora Esmeralda⁵. Com os migrantes chegando cada vez mais, outra professora que também contribuiu nesse início foi a Professora Noêmia Barros Pereira, posteriormente, outros professores e professoras foram compondo o quadro docente da escola.

A organização do ensino cumpria com a constituição do sistema de ensino nacional do século XX, seguindo os níveis de escolarização pautados na aprendizagem da leitura, da escrita, do cálculo e ensino religioso (SOUZA, 2008), além de a rigidez ser uma característica muito marcante na escola. Conforme relatos orais:

A escola era simples, funcionava em uma estrutura de madeira. Eu ficava na outra parte da escola, duas salas construídas posteriormente, tudo era muito sério e respeitoso. Mas sempre tinha aquele que não parava no lugar e logo recebia corretivos. (DEPOIMENTO 1, MARTINS, 2017).

[...] era aula normal (com cartilha e atividade) tudo (a professora passava atividade pra casa) ela dava aula para a primeira e a segunda série tudo junto. Para a segunda ela passava no quadro e para a primeira série era tudo no caderno. Ela passava no caderno pra nós, quando entrou a terceira série que foi aumentando e já eram três turmas, a primeira a segunda e a terceira, era tudo junto, ela dividiu o quadro no meio pra segunda e a terceira e a primeira série no caderno. Corrigia todo dia nosso caderno e tomava a tabuada todo o dia ela nos colocava em fila e ia perguntando pra cada um, perguntando sorteado e quando a gente não estudava que não sabia ela nos colocava de castigo para estudar, na hora do recreio, ninguém saia para o recreio tinha que estudar tabuada e, quando ela voltava nós tínhamos que falar a tabuada sem tomar fôlego, sabe ela ia perguntando e nós respondendo tudinho, sem dar tempo até de contar no dedo. (DEPOIMENTO 2, DADOS DA PESQUISA).

O movimento primordial instituído pela escola seguia a etapa da alfabetização e construção de uma formação voltada para a cidadania, o patriotismo e o trabalho. O ensino deveria demonstrar que a escola era uma extensão do lar e despertar as sensibilidades de amor e pertencimento ao solo que oferecia o alimento e a valorização das riquezas

⁵ Não há registros documentais com o nome completo da professora, apenas depoimentos orais de ex-professores e alunos da escola.



regionais (MARTINS, 2018). Nesse sentido, o que identificamos é que o ensino inicial da Escola Wilson Camargo direcionava para o nível primário, devido à maioria das crianças estarem na faixa etária de 7 e 10 anos de idade e estar naquele momento inicial fora do ambiente escolar.

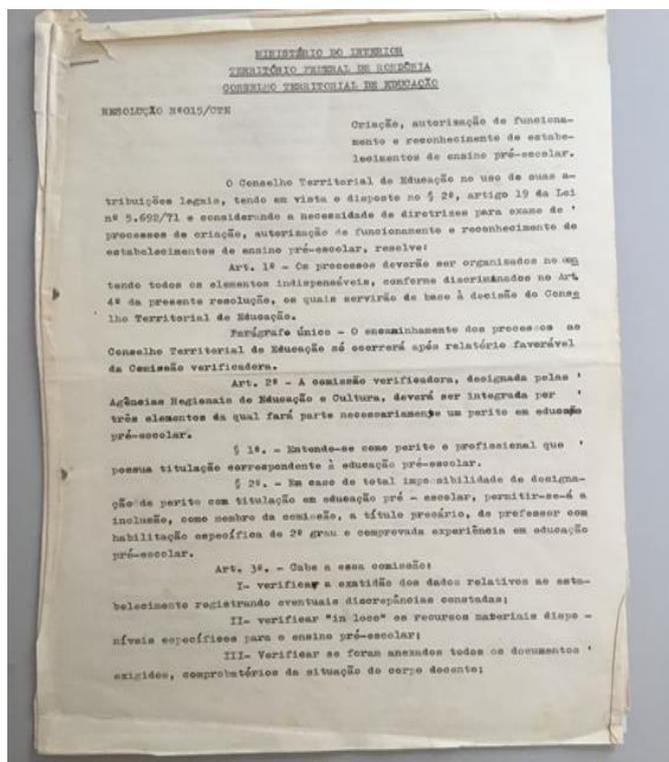
A organização interna das salas de aula seguia a implantação do ensino multisseriado, sendo que a escola contava apenas com duas salas de aula (MARTINS, 2018) devido a falta alarmante de recursos pedagógicos e de profissionais qualificados para exercer tal função. Nos depoimentos analisados, é possível compreender que os professores alfabetizavam usando métodos próprios, como, por exemplo, o método da abelhinha que se dava através do som, com o método silábico ou, ainda, associando o significado de letras com imagens, enfim, cada professora da época tinha uma metodologia própria para trabalhar a alfabetização com as crianças no ensino primário oferecido.

Somente mais tarde, com a Resolução n. 15/CTE, no dia 19 de outubro de 1976, ficou oficialmente registrada e autorizada a criação, o funcionamento e o reconhecimento do ensino pré-escolar na escola, entretanto, a prioridade da escola não estava voltada para a educação da infância, pois com a criação dos cursos técnicos na década de 1970 a escola passou a atender um número maior de alunos de todas as cidades vizinhas e tinha como prioridade a formação técnica para a execução e manutenção da demanda de trabalho, em consonância com o movimento de expansão industrial do país e com o regime de ditadura militar que o país vivia.

Alguns registros apontam que a criação da pré-escola foi autorizada com o artigo 19 da Lei n. 5.692/71, para atender as crianças menores de seis anos de idade. Porém, existia uma carência de professores qualificados para o ensino das demandas de crianças. Nesse ínterim, a escola Wilson Camargo instituiu a formação em 2º grau no ano de 1977, com habilitações para exercer em Magistério e Contabilidade. Essa fase do ensino contribuiu na formação de profissionais para atuar com o ensino da pré-escola, do chamado “jardim de infância”, visando atender a todas as fases do ensino. A escola Wilson Camargo teve em seu desenvolvimento a marca dos processos migratórios, sendo que ambos se desenvolveram indissociáveis um do outro. A escola acompanhava o desenvolvimento da sociedade, as necessidades do ensino e instrução para a vida social eram desafios para os cursos formativos da escola (MARTINS, 2017).



Figura 1 – Documento de criação, autorização de funcionamento e reconhecimento de estabelecimentos de ensino pré-escolar



Fonte: Acervo Martins (2017)

É possível identificar, no registro documental, a resolução que atende a solicitação de criação e autorização de funcionamento e reconhecimento de estabelecimentos de ensino pré-escolar com o chamado “jardim de infância”. Uma questão conflitante estava no quesito de formação profissional de professores que deveria estar em consonância com a categoria de titulação para a atuação com a pré-escola.

Figura 2 – Formatura da pré-escola, década de 1970



Fonte: Dados da Pesquisa (2021)



Após a criação do magistério na escola pesquisada, muitas das necessidades foram supridas e, conseqüentemente, começou-se a ofertar todos os níveis de escolaridade, principalmente devido à formação de professores para o exercício do magistério.

COTIDIANO, INFÂNCIA E PRÁTICAS ESCOLARES

Conforme os dados construídos na pesquisa é possível identificar que inicialmente o ensino destinado à infância, oferecido na escola Wilson Camargo, funcionava com recursos limitados e que o objetivo principal se voltava para a inserção da criança na escola e no ensino da leitura e da escrita. As autoridades tinham grande interesse em demonstrar que a educação estava em pleno funcionamento para atrair outros migrantes para a cidade que se constituía em solo amazônico e, então, a escola se tornava ferramenta de atração e fixação de migrantes. Também entendemos que toda organização da escola, inicialmente oferecida às crianças, estava pautada no regime militar da época, que influenciava a construção do tempo e o espaço da escolarização da infância.

O que a infância representava naquele momento e o que era muito frisado pelo discurso governamental em voga, era que as crianças seriam o futuro do país, as crianças eram levadas às ruas para desfiles cívicos, para homenagear governantes que vinham visitar a cidade, as crianças representavam os instrumentos de fortalecimento de uma sociedade em ordem, disciplinada, que devia ser obediente e acima de tudo patriota. Na criança estava depositada a esperança de um futuro diferente dos seus pais, que vislumbravam na escola um instrumento para que seus filhos tivessem histórias diferentes das suas. Na criança era depositada a necessidade de se inserirem os ensinamentos necessários da época, para que se tornasse um adulto trabalhador, obediente, servil, cientes dos valores morais e dos bons costumes e, acima de tudo, para exaltar os sentimentos de civismo e patriotismo.

Na escola, práticas cívicas eram comumente disseminadas, como, por exemplo, formar filas diuturnamente antes de entrar para a sala de aula, cantar hinos, fazer homenagens às autoridades, participar de desfiles cívicos para que toda a sociedade compartilhasse o que se produzia internamente na escola. Entre aquilo que era ensinado e trabalhado na escola, previsto pelo currículo, estavam também as práticas que sutilmente apareciam na forma de festividades, cultos religiosos e rituais cívico-patrióticos, caracterizando-se como um “currículo oculto” que se inseria por meio de culto à bandeira, desfiles cívicos, canto do hino nacional, oração pela pátria, declamações de poesias relacionados à pátria, além de comemorações aos heróis consagrados pela história oficial,



ou que simbolizavam os “verdadeiros” patriotas da nação (ROHDEN, 2012).

De acordo com Souza (2008), o cultivo dos valores cívico-patrióticos foi reforçado nas escolas públicas e privadas nos anos 1970, em concordância com a ideologia do regime militar. Assim, “práticas de hasteamento da bandeira e canto do Hino Nacional nas escolas foram revalorizadas. Os desfiles cívicos foram enaltecidos e incentivados pelos poderes públicos de grande visibilidade social” (SOUZA, 2008, p. 282).

De acordo com Rohden (2012) é relevante salientar que se trata de uma década em que o regime militar instaurava conceitos que buscavam promover o civismo e o patriotismo, na tentativa de mobilizar o povo brasileiro, de fazer com que o pensamento de “amor à pátria”, de obediência, de ordem e progresso atenuasse as imagens de torturas, de censura, de conflitos sociais:

Desta forma, a importância para que estes rituais tomassem forma através dos atos cívicos, festas e comemorações onde fosse possível visualizar os feitos de grandes heróis constituía-se como formas de poder, para que a ordem social fosse mantida. E, a escola, neste cenário, era local propício para se cultivar os valores determinados pela elite que governava o país (ROHDEN, 2012, p. 85).

Figura 3 – Preparação das filas para desfile cívico, década de 1970



Fonte: Dados da Pesquisa, 2021.



Figura 4 – Asteamento da bandeira nacional, década de 1970

Fonte: Dados da Pesquisa (2021)

As fontes documentais da escola, mostram-nos que ser aluno durante o processo inicial de escolarização de Vilhena era ter contato com uma educação rígida, bastante disciplinadora e a um ensino mecânico, em que a prioridade era o ensino da leitura, da escrita, dos cálculos básicos. Num boletim da época, encontramos como eram avaliados os alunos: as atitudes e os hábitos de trabalho também eram quesitos avaliativos. Conforme demonstrado por Martins (2017) os alunos precisavam desenvolver suas habilidades na interação social com os demais colegas de turma.

Nesse sentido, as crianças tinham que aprender e reproduzir em seus hábitos as seguintes atitudes: ser asseado e cuidadoso com a aparência; ter boas atitudes; mostrar interesse no trabalho; imprimir ordem e limpeza nos trabalhos; ter cuidado com o material; fazer bom uso do tempo; levar a sério as tarefas; frequentar a escola com assiduidade; obedecer aos horários; atender as ordens com presteza; respeitar as autoridades; cooperar com os colegas; relacionar-se bem com os outros. Percebe-se ainda, o quanto a divisão das disciplinas se concentrava, principalmente, na gramática e nos cálculos, assim, a primeira necessidade que a comunidade estudantil teria que alcançar era a formação básica e os princípios fundamentais da leitura e escrita para que pudesse atender a demanda de mercado (MARTINS, 2017).



Figura 5 – Boletim da Escola Wilson Camargo na década de 1960

ATIVIDADES E HÁBITOS DE TRABALHO		Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
E assendo e cuidadoso com a aparência											
Tem boa atitude											
Mostra interesse no trabalho											
Imprime ordem e limpeza aos trabalhos											
Tem cuidado com o material											
Faz bom uso do tempo											
Lava a tempo as tarefas											
Frequência na escola com assiduidade											
Obedece aos horários											
Atende às ordens com presteza											
Respeita as autoridades											
Coopera com os colegas											
Relaciona-se bem com os outros											

DOMÍNIO DAS ÁREAS DO PROGRAMA		Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO	Redação				B			B		B	B
	Letura				MB			B		MB	MB
	Ortografia				MB			B		MB	MB
	Aspectos Gramaticais				B			B		MB	B
CIÊNCIAS	MATEMÁTICA	Instituição de citações				R		B		R	R
		Construção				R		B		R	R
		Cálculo				R		B		R	R
		Problemas				R		B		R	R
Integração Social											
Faltas											
A Classificação mensal relativa aos diferentes aspectos das áreas do programa obedece ao seguinte critério: de 0 a 49 (I) Insuficiente de 50 a 69 (R) Regular de 70 a 89 (B) Bom de 90 a 100 (MB) Muito Bom		Assinatura do Responsável Vilhelmina Vilhelmina Vilhelmina Vilhelmina									
Rubrica do Professor											

No próximo ano o aluno cursará a 4ª série
O aluno fará recuperação de Apostado

Fonte: Instituto Estadual de Educação Wilson Camargo (2021)

Entretanto, ao mesmo tempo em que a escola intentava impor normas, valores e regras de uma sociedade, destacamos que a criança não exercia um papel meramente passivo, ao contrário, ao mesmo tempo em que era afetada pela cultura, esta também a afetava, também participava de modo ativo, como sujeito construtor de história e cultura. Exemplos disso era a auto-organização das crianças nos próprios intervalos das aulas, momento em que as crianças entoavam cantigas próprias da infância e não restrita às canções para enaltecer a pátria ou os heróis da história que se pretendiam fomentar na narrativa governamental. Nos intervalos entre as aulas, as crianças brincavam, cantavam, viam-se livres da vigilância, aquilo que Certeau (1998) explica nas táticas utilizadas no cotidiano do homem comum para driblar as estratégias de um lugar de poder.

Também destacamos como exemplo a dinâmica do recreio que, de acordo com os relatos orais, era tida como a hora da liberdade, quando as crianças criavam suas próprias brincadeiras, criavam histórias, brincavam de amarelinha, pega-pega, queimada, brincavam de bola e correr atrás da escola e então podiam estar livres da vigilância e do disciplinamento que a escola impunha. De acordo com Sluckin (1981):

O espaço de recreio é como um mundo de regras e rituais (Opie & Opie, 1969), este é um contexto em que se aprendem muitas lições para a vida, tais como aprender a juntar-se a um grupo para jogar, aprender a escolher e a negociar as regras para esses jogos, saber lidar com vários tipos de personalidades e também aprender a manipular situações, de forma a tirar vantagens das mesmas (SLUCKIN, 1981).



Diante do exposto, faz-se interessante perceber que face às dificuldades do contexto histórico pesquisado, as crianças encontraram brechas, linhas de fuga, muniam-se de táticas (CERTEAU, 1998) para ser simplesmente “crianças” e fazer aquilo que lhes era próprio: brincar.

Nesse contexto de significantes e significados, entende-se que o cotidiano da escola se revela como produtor de uma cultura própria, com suas normas, sujeitos, materiais, métodos, práticas que perpassam o tempo, os quais nomeamos de cultura escolar, que, conforme enfatizado por Faria Filho (2007, p. 195), seria:

[...] a forma como em uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaciais temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos e materialidade e os métodos escolares.

Diante disso, pensar sobre a história da educação a partir do cotidiano é fomentar os pressupostos da Nova História Cultural, a qual se afasta das histórias construídas e fundamentadas somente em documentos oficiais produzidos por aqueles que ocupam um lugar de poder, e então, conseqüentemente, aproximam-se para dizer dos pormenores de uma história em que “algo essencial se joga nesta historicidade cotidiana, indissociável da existência dos sujeitos que são os atores de operações conjunturais” (CERTEAU, 1998, p. 82).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou discorrer sobre o início da educação institucionalizada, na história de Vilhena/RO, trazendo um olhar especial para o ensino destinado à infância de modo que contribua para com os estudos no campo da educação, para com a visibilidade da participação histórico-social e cultural das crianças e para a compreensão da cultura produzida na escola.

Pelo estudo realizado, é possível entender conforme Rohden e Tomé (2016), que no cotidiano da cidade se inseria o cotidiano da escola, ou seja, os reflexos sociais se entrecruzavam nos espaços escolares. Deste modo, a escola se constituía como um espaço microssocial, que como aponta Araújo (2003, p. 213):

É no cotidiano que a escola se revela como um espaço de confrontos de interesses entre um sistema oficial que distribui funções determina modelos, define hierarquias, e outro, o dos sujeitos – alunos e alunas, professoras e professoras, funcionários e funcionárias – que não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Em seu fazer cotidiano, esses sujeitos por meio



de uma complexa trama de relações que inclui alianças e conflitos, transgressões e acordos, fazem da escola um processo permanente de construção social.

Assim, no contexto de uma história em que o processo migratório e a educação se entrecruzam, fazer um inventário das práticas escolares, dos valores, condutas, normas que eram necessárias inculcar, dos conhecimentos necessários a ser ensinados pela escola, permitiu-nos tecer uma discussão sobre a história da primeira instituição escolar de Vilhena, possibilitando-nos pensar a escola e a sociedade inteiramente interligadas por um objetivo comum: a construção de uma cidade, sendo, portanto, a escola o referencial que garantiria a permanência dos migrantes naquelas terras, em meio aos perigos da floresta, as doenças, as dificuldades de sobrevivência num local desconhecido em que tudo era preciso ser construído.

Como se tratava de um momento histórico em que o regime militar instaurava conceitos que buscavam promover o civismo, o patriotismo, a instrumentalização técnica, foi possível compreender com essa pesquisa que a escola servia aos interesses do Estado em fomentar tais valores patrióticos e o ensino se limitava à leitura e a escrita.

Os vestígios existentes nesta pesquisa demonstram, culturalmente, as relações educacionais entrelaçadas à organização de uma sociedade marcada pelas ações político-econômicas que se desejava instaurar e manter para a contribuição de um projeto maior, nesse caso, o fortalecimento das estratégias de um governo ditatorial que, mesmo em seu panóptico (FOUCAULT, 2002), haveria de lidar com as táticas sutis dos heróis sem nome (CERTEAU, 1998). Isso porque a história contada é a dos heróis gloriosos, aqueles que a história oficial nomeia de corajosos, imponentes, usualmente ligados a um lugar de poder e não à história dos “figurantes, da multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos, tornando-se a linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém” (CERTEAU, 1998, p. 57-58).

Nesse sentido, descrevemos as práticas que envolveram o espaço educacional constituído na escola Wilson Camargo, no que diz respeito à educação oferecida à infância da época, entendendo que é a partir das práticas que se tece a vida cotidiana da escola (BENITO, 2017), que se faz e perfaz as culturas escolares. Trata-se de um espaço, assim como o político ou econômico, cheio de significados sociais que faz e refaz o viver humano. (FREIRE, 2008, p. 7).



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mairce da Silva. Cenas do cotidiano de uma escola pública: olhando a escola pelo avesso. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BRASIL, P. **Vilhena conta sua História**. Vilhena: Gráfica Delta, 2000.

BENITO, A. E. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Tradução: Heloísa Helena Pimenta Rocha, Vera Lucia da Silva. Campinas: Alínea, 2017.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 2001.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.v.1**, 4a ed. Petrópolis: Editora Vozes. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 1998.

FARIA FILHO, L. M. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: Bencostta, M. L. A. (Org). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos** (p, 193-236). São Paulo: Cortez, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. São Paulo, 2002.

FREIRE, J. F. (2008). Um olhar sobre os estudos históricos do cotidiano. **História e História**, v. v. 15, p. 1-12. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=142>. Acesso em: 10 de abr. de 2022.

GOMES, Emmanoel. **História e Geografia de Rondônia**. Vilhena: Express Ltda, 2012.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto Histórico. Trad. Gisele de Souza. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. N. 1, Campinas: Autores Associados, 2001. p. 9- 43. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>. Acesso em 20 de set. de 2020.

MARTINS, Helen, Arantes. **Modos de Lembrar e Contar: Memórias de uma escola no município de Vilhena/RO**. (1960-1980). PPGedu/UNEMAT, 2017. Dissertação de Mestrado.

MARTINS, Helen Arantes; ZÓIA, Alceu. Memórias (Auto)Biográficas de Infâncias: os Vestígios da escolarização no município de Vilhena/RO (1960-1980). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 08, p. 672-685, maio/ago. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328156101_Memorias_autobiograficas_de_infancias_os_vestigios_da_migracao_e_da_educacao_no_municipio_de_Vilhena-RO_1960-980. Acesso em 20 de set. de 2020.

ROHDEN, Josiane Brolo. **A reinvenção da escola: história, memórias e práticas**



educativas no período colonizatório de Sinop–MT (1973-1979). Dissertação de Mestrado. UFMT: 2012.

ROHDEN, Josiane Brolo; TOMÉ, Cristinne Leus. O recreio no cotidiano escolar como atividade educativa: um estudo nas cidades de Sinop e Cláudia nas décadas de 1970 e 1980. **Anais...Semiedu**, UFMT, 2016.

SLUCKIN, A. **Growing up in the playground.** London: Routledge & Kegan Paul, 1981.

SOUZA, R. F. de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX:** ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado** – História Oral. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VIDAL, D. G. (2005). **Culturas escolares:** estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores associados.

Artigo recebido em: 19 de março de 2023.

Aceito para publicação em: 21 de julho de 2023.

Manuscript received on: March 19, 2023.

Accepted for publication on: July 21, 2023.

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

